

REFLEXOS DA COSMOVISÃO SEFARDITA NA LÍRICA BRASILEIRA

Leonor Scliar-Cabral (UFSC/CNPq)

Trataremos neste artigo de uma herança mais sub-reptícia, a que deixa seu legado na cosmovisão.

Procuraremos rastrear alguns traços da psique coletiva que tiveram sua origem, num primeiro momento, desde que os judeus dispersos nos anos 70 se instalaram na península ibérica e depois, em se espalharam em sucessivas levas, após o século VIII, junto com os árabes, apesar de uma tentativa intencional de apagar tal herança, particularmente a judaica.

Ocorreu, assim, um corte com o passado e a leitura oficial que se passou a fazer foi o esquecimento da contribuição ibérica para o desenvolvimento da idéias no ocidente e seu gradual isolamento. Por exemplo, o renascimento, no que diz respeito à reentrada dos textos greco-latinos, passou a ser demarcado com a queda de Constantinopla: todo o esplendor, a efervescência filosófica, científica e literária que desabrocharam no reinado de Abderramán III (912-971) em Córdoba, a “casa das ciências”, foram esquecidos. Ignorou-se que a reentrada do grego ocorreu com a tradução para o latim e depois para o árabe do *De Materia Medica* de Dioscórides (presente de Constantino VII a Abderramán III em 9 de setembro de 949).

Esqueceu-se a contribuição dos grandes gramáticos e lexicógrafos, como Menachen ben Saruq e Dunas ben Labrat e as discussões filosóficas entre platônicos e aristotélicos, representados respectivamente por Nahmânides e Maimônides. Não se considerou a incorporação das formas poéticas dos árabes pelos judeus, representados nos grandes poetas e filósofos do período como Rabi ibn Gabirol, conhecido como Avicbrón, autor de *A Fonte da Vida*, escrita em árabe, Rabi Moshe e ibn Ezra (em cuja obra se encontra uma história crítica da poesia hebraico-espanhola), Rabi Abraham ibn Ezra, que escreveu também em latim, Rabi YeYhuda há-Levi, autor dos versos mais antigos em castelhano. Toda esta eclosão de poetas teve sua continuidade na lírica trovadoresca e provençal, bem como no desenvolvimento da poesia popular ibérica, tanto a dos romances como a tradicional e, sem ignorar a influência do *dolce stil nuovo*, eclode no *Siglo de Oro* dos séculos XVI e XVII.

E como obscurecer a contribuição do Colégio de Tradutores de Toledo, famoso desde o início do século XII, que engrandeceu a Corte de Alfonso, o Sábio (séc.XIII) com traduções do árabe e do hebraico, berço da língua escrita espanhola? Um judeu traduzia para o romance a Bíblia e, em seguida, um clérigo passava o texto para o latim culto (LACAVE, 1987, p. 20) ¹.

Como entender as grandes navegações sem os estudos avançados de matemática, de astronomia e da náutica, com figuras como Pedro Alfonso de Huesca (Moshe Sephardi), introdutor da técnica do astrolábio na Europa?

A retratação do édito da expulsão implica restaurar os fios cortados da tradição cultural; implica reinterpretar a história e retratar o percurso que a Inquisição, vigente até o ano de 1821, tentou escamotear.

As conseqüências desta desconstrução da história oficial vão desde a explicação mais coerente do papel que a península desempenhou no

desenvolvimento das idéias na Europa Ocidental e seus espriamentos além-mar, até o encontro da identidade dos povos herdeiros da cultura ibérica e ao entendimento de sua cosmovisão, tendo sempre em mente as origens, a formação e as marcas indelévels, por mais que as quisessem apagar, deixadas pelos judeus em Sefarad, a partir de sua presença, já durante a colonização romana.

Os judeus que se instalaram na península e as sucessivas levas que os sucederam fizeram parte do mosaico que a compôs e de sua história: plasmaram uma língua neo-latina, o judeu-espanhol, com suas variações no espaço e no tempo e a levaram para o antigo Império Otomano, para os países baixos e para o norte da África, quando da expulsão; posteriormente colonizaram a América luso-hispânica. Registraram em caracteres hebraicos os textos religiosos, na língua calco escrita, o ladino, traduzindo-os palavra a palavra. Preservaram na tradição oral, por mais de quinhentos anos, os romances, as canções populares e os provérbios e durante muito tempo, após a expulsão, guardando as chaves de suas casas, o sonho era regressar a Sefarad,.

Assim como a história oficial tentou apagar a contribuição dos judeus na formação da psique e da cultura ibéricas, com mais razão ainda, nas colônias ultra-marinas, como foi o caso do Brasil.

É muito recente, relativamente, o reconhecimento da importância que os sefarditas tiveram na formação da cultura brasileira: é atitude mais de especialistas.

Não só a maioria do contingente dos primeiros colonizadores era constituída de cristãos-novos, quanto o era a leva que proveio da Ilha dos Açores, no século XVIII e que, entre os povoamentos, fundou o Porto dos Casais e veio para a ilha de Santa Catarina.

Dentre estes cristãos-novos muitos continuaram praticando o judaísmo às escondidas e, por delação, foram arrestados na calada da noite pelos chamados “familiares” e enviados à prisão nos Estaus, terminando nas fogueiras da Inquisição. Dentre estes presos se encontravam mulatos, músicos da Ordem de São Bento e o maior autor de teatro brasileiro do Século XVIII, Antonio José da Silva, o Judeu.

Mas o desconhecimento é o que predomina. Quando se mencionam Sefarad, sefarditas, sefardis, mesmo entre universitários, ocorre um branco. Até entre os judeus ashkenázis, há uma ignorância sobre o importante legado cultural construído na Espanha e depois levado para o antigo Império Otomano, países baixos e norte da África e, indiretamente, para as colônias latino-americanas.

No Brasil, a contribuição dos sefarditas não só foi importante no processo de formação, conforme aludimos acima, mas deixou as marcas em outros momentos de nossa história, como durante a invasão holandesa, no século XVI, quando foi construída a primeira sinagoga no Recife, recentemente restaurada, e durante o

boom da borracha na região amazônica.

De qualquer modo, conforme afirmamos no início, impõe-se a releitura da formação das idéias na Europa Ocidental, a partir da restauração do que foi apagado na península ibérica.

Nos cursos universitários, particularmente nos Cursos de Letras, a influência árabe foi sempre enfatizada, com o rol dos étimos que foram introduzidos no léxico do português, mas se ignorou por completo a contribuição judaica, nos vários campos do conhecimento e mesmo no plasmar da cosmovisão ibérica e de seus descendentes.

Além das contribuições referidas no início desta artigo, mencionemos que, com a descoberta da imprensa, os judeus da península ibérica passaram a ser detentores da nova tecnologia que levaram consigo para a Itália, Império Otomano, e a Holanda, após a expulsão. Não foram apenas os principais financiadores das grandes navegações, mas seus inventos foram decisivos para a formação dos capitães e pilotos na Casa de Contratação das Índias em Sevilha e na Escola de Sagres.

Neste artigo deter-me-ei, no entanto, na contribuição à literatura.

A CONTRIBUIÇÃO À LITERATURA

Para muitos, o tema mais fundamental da literatura ibérica, “o sentido trágico da vida”, é originário dos *Provérbios Morales* do rabino Don Sem Tob de Carrión, no século XIV (BEM-AMI, 1989, p. 6). Sem Tob de Carrión dirigiu os célebres *Consejos y Documentos* ao rei D. Pedro I de Castilla, o Cruel. Esta última obra foi traduzida para o hebraico e transcrita em *aljamiado* (inscrição escrita em castelhano, galego ou catalão, utilizando caracteres islâmicos ou hebraicos).

É preciso assinalar que no período de surgimento da lírica espanhola (sec. XII), a cultura árabe e a judaica estavam muito amalgamadas. Nesta época

“foram encontradas cartas escritas em hebraico e romance - com caracteres hebraicos - que utilizam um gênero peculiar à poesia árabe da Andaluzia, os *muwwashah*, ou *moaxaja*, escritos em árabe clássico e terminando com uma estrofe em vernáculo popular, chamada *kharja* ou *jaryas*” (SCLIAR-CABRAL, 1994, p. 112).

Muitos consideram tais estrofes bilíngües como o início da lírica espanhola (LAZAR, 1972, p.15) e Beltrán (1990, p.XII) afirma que

“Entre os séculos XI e XII, árabes e judeus nos salvaram umas sessenta cançõezinhas breves, mas encantadoras.”

Menéndez Pelayo (1941, VI(I), p.208), por outro lado, assinala que

“O primeiro poeta castelhano de nome conhecido (quem o diria) é muito provavelmente o excelso poeta hebreu Judá Levi”,

também conhecido como Rabi YeYhuda há-Levi (1085-1142), que compôs os versos mais antigos em castelhano, uma *kharja* em homenagem ao magnata Yosef Ibn Ferrusel, o Cidellus, médico e ministro do rei Alfonso VI.

A Espanha muçulmana era um país bilíngüe, com suas múltiplas variedades.

O árabe era a língua das camadas letradas, da cultura erudita e o “romance”, o estágio que atingira o latim vulgar, a língua da conversação cotidiana. Neste período, os judeus absorveram muitas formas poéticas do árabe, como a *quasida*, a *merubbac*, a *muwwashah*, acima mencionada e a *zajal*. Estas duas últimas formas são de particular importância para o tema de que estamos tratando, a

contribuição à literatura, no que diz respeito ao gênero ao divino. O poeta árabe Ibn al-Arabi (1165-1240), utilizando a forma *muwwashah*, uniu o erotismo à temática mística, cuja maior expressão na poética judaica é o *Lejá Dodi*.

Sôlomo há-Leví Alcabez,

“nascido em 1505, provavelmente na Salônica, membro do grupo sefardita de místicos que vivia em Safed (Israel)” (SALOMON, 1988,p. 29),

escreveu o *Lejá Dodi* na forma *zajal*, por volta de 1571. Embora caiba aos árabes a introdução do chamado amor platônico, na lírica, desenvolvido por Petrarca e depois com larga repercussão em muitos dos poetas do *Siglo de Oro*, não o confundimos com a literatura ao divino, na qual um erotismo exaltado se une ao místico e que floresce na cultura provençal (particularmente com o maiorquino Ramon Llull (1232-1316)), na trovadoresca, e em poetas como San Juan de la Cruz e Santa Tereza de Jesús. No Brasil, encontramos em alguns poemas de Gregório de Matos, exemplos desta exaltação:

BUSCANDO O CRISTO CRUCIFICADO UM PECADOR COM VERDADEIRO ARREPENDIMENTO

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, p'ra chamar-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

Quero me deter nalguns aspectos que me têm impressionado e que revelam os veios comuns entre o misticismo judaico ibérico, a sinagoga e a explosão

intelectual do *Siglo de Oro* espanhol (sécs. XVI e XVII). Como é sabido, grande parte dos maiores expoentes do *Siglo de Oro* eram cripto-judeus: Fernando de Rojas, Fray Luis de León, Santa Teresa de Jesús, Lope de Vega e Quevedo, muitos deles vítimas da Inquisição.

Um dos aspectos é o neo-platonismo e suas ligações pitagóricas, oriundo de Alexandria, tendo como um de seus representantes máximos o judeu Plotino. O

outro aspecto é o recurso literário *ao divino*, sobre o qual discorreremos. Finalmente, em alguns autores, além do *ao divino*, particularmente em Santa Teresa de Jesús, encontramos a fonte popular do cancionero, de tão fundas raízes sefarditas, com suas ramificações no Brasil.

As identidades entre as concepções pitagóricas e platônicas e a cosmovisão revelada nas *sephirot* é flagrante. Vejamos, por exemplo, duas estrofes da ode de Fray Luis de León, a meu ver, o poeta do *Siglo de Oro* que melhor expressa esta cosmovisão:

1 No céu já serena o ar
e veste em beleza e aura inusitada,
Salinas, ao vibrar
a música extremada
por vossos sábios dedos governada.

2 A cujo som divino
a alma, no esquecimento então sumida,
torna a cobrar o tino
e a memória perdida
de sua origem primeira esclarecida.

Fray Luis de León, o estudioso da palavra concretizada pelo sopro divino, com seus mistérios numéricos (guimatria, o equivalente hebraico do grego geometria), se revela no seguinte passo de *Los nombres de Cristo*:

“y negocio que de las palabras que todos hablan elige las que convienen y mira el sonido dellas, y aun cuenta a vezes las letras, y pesa y las mide y las compone, para que no solamente digan con claridad lo que se pretende decir, sino también con armonía y dulzura”.

Uma afinidade com o neo-platonismo já encontramos em Solomon ibn Gabirol (1021-1053? 1058?), conhecido como Avicbron:

“é estreita uma mente como o oceano, mentira o pensamento.

Preexiste desde sempre, quando tudo dormitava,

antes que criasse o homem e desse forma às montanhas.” (SÁENZ-

BADILLOS; TARGARONA BORRÁS, 1988, p. 106), e atinge sua máxima expressão em *Coroa real (Keter Malkut)* (MILLAS VALLICROSA, 1968, p. 63).

Toda esta tradição neo-platônica recrudescer no *Siglo de Oro* com a vigência do *Dolce stil nuovo*.

O modelo petrarquiano, via Garcilaso, ressurgiu através de estruturas

privilegiadas como a técnica dos contrários e das correlações. Vamos encontrar, porém, a técnica dos contrários já em ibn Gabirol:

o dia de meu júbilo é quebranto,

e o de meu quebranto, regozijo; (SÁENZ-BADILLOS;

TARGARONA BORRÁS, 1988, p. 121).

Observe-se, igualmente, o uso do paradoxo e dos contrários, no soneto já referido de Gregório de Matos.

Mas não poderíamos deixar de exemplificar a lírica do ao divino sem falar em Santa Teresa de Jesús (1515-1582), a maior mística, junto com San Juan de la Cruz, do *Siglo de Oro*. Carmelita, seu pai e avô, cristãos novos, foram condenados pela Inquisição, por recaída ao judaísmo e sofreram penas, inclusive tendo que participar de um Auto da Fé, portando o sambenito. Santa Teresa de Jesús também foi condenada pela Inquisição a ficar reclusa na catedral de Toledo, depois de ter publicado a Autobiografia.

Sua poesia, como a de San Juan de la Cruz, busca nas formas poéticas do cancioneiro tradicional ibérico, como divinizá-las. A importância do cancioneiro popular sefardita, que era menosprezado se comparado à valorização do romancero, se firma com o trabalho de Alvar (1966) e de Attias (1970, 1972). A tradição de registrar os eventos mais importantes, principalmente os ritos de passagem com canções, vem atestada num documento medieval citado por Alvar (1966, p. XXI):

“dijo Salomón que tiempos señalados son sobre todo aquellos que convenien a alguna cosa, como cantar a las bodas et planer a los duelos”.

Outro aspecto muito importante são os *incipit* inscritos no início das composições elegíacas litúrgicas (*piyutim*), com a função de trazer à lembrança uma melodia profana, agora servindo de sustentação para o rito sacro (cf. o *Zemiroth Israel* de NAJARA, de 1567). Verifica-se, assim, o vínculo estreito entre o cancioneiro popular e o litúrgico, que é uma das marcas na poesia de San Juan de la Cruz e Santa Teresa de Jesús. O exemplo a seguir de Santa Teresa de Jesús nos lembra um poema de Lorca. Do poemeto “O’já surge a alva”, extraímos o trecho:

- O’ meu rapaz, olha quem chama.
- Anjos são, que já surge a alva.

É parente do alcaide,
ou quem é esta donzela?
- Ela é filha de Deus Pai,
brilha como estrela bela.

Observe-se que o topos da alva é um dos mais importantes na canção tradicional, “ambientação matinal do encontro amoroso”, (BELTRÁN, 1990, p. XLIV), como o exemplo abaixo de uma *kharja*, cujo texto e sentido têm sido muito debatidos:

Alba dad mio fogore alma dad mio ledore
visitando al-raqibe esta noche mio amore

A alva me dá ardor, a alma me dá ledor
visitando está o espião, esta noite a meu amor

(BELTRÁN, 1990, p. XLIV)

O mesmo topos que vamos encontrar no Romance VII ou “Do negro nas catas”” do *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles:

Já se ouve cantar o negro,
Mas inda vem de longe.
Será pela estrela d’alva,
Com seus raios de alegria?
Será por algum diamante
A arder, na aurora tão fria?
Transitoriedade da vida terrena

No poema *Aspirações*, Santa Teresa de Jesús desenvolve em oito estrofes de quatro versos uma sucessão de contrários que só se resolvem na última estrofe. O poema, um exemplo de ao divino, apoiando-se na métrica tradicional popular, inicia com:

Seja meu gozo no pranto,
sobressalto meu repouso,
meu sossego doloroso,
minha bonança, quebranto;

Observe-se a semelhança com o trecho de ibn Gabirol.

Um exemplo da técnica dos contrários encontramos no soneto do cripto-judeu Lope de Vega, do qual extraímos a primeira estrofe:

Desmaiar, atrever-se, estar furioso,
áspero, terno, liberal, esquivo,
alentado, mortal, defunto, vivo,
leal, traidor, covarde e corajoso;

AO DIVINO

O recurso literário ao divino consistia em retomar poemas e/ou temas eróticos, metaforizando os parceiros, que passavam a ser, no caso da mística judaica, o povo judaico e o *shabat*, ou o povo judaico e Deus como é exemplo o *Lejá Dodí*:

“agozarsehá sobre ti tu D., como gozarse novio com novia”.

Conforme a tradição, os rabinos do Talmud comparavam o *shabat* a uma noiva e rainha que deveria ser acolhida festivamente. Data do século XVI o ritual *kabalat shabat* (acolhida do *shabat*), no qual a comunidade ia ao campo, nos arredores da cidade, para receber simbolicamente a noiva com cantos de júbilo (*alabanza*).

O recurso ao divino remonta a Rabi YeYhuda há-Levi, a ibn Gabirol e ibn Ezra. Damos como exemplo, este trecho de ibn Gabirol (1021-1058), no qual ele exalta a relação entre o povo judaico, Deus e o Messias:

O dia em que vieres dormir entre meus peitos,
deixarás sobre mim tua grata fragrância.
- Como é a figura de teu amado, noiva formosíssima,
que me dizes: “toma-o e mo envia”?
- Tem belos olhos, é rubro e formoso;

é meu amado e meu amigo, levanta e unge-o! (SÁENZ-BADILLOS; TARGARONA BORRAS, 1988, p. 138)

Outro exemplo é do Rabino ibn Gayyat (1038-1089), mestre de ibn Ezra. De um poema no qual canta o amor de Deus pela comunidade de Israel, extraímos da última estrofe, na qual expressa a resposta divina, os três últimos versos:

Olha, qual esposa jovem me chamarás de novo.

A amante apenada eu chamarei,
porque o amor cobrirá com um véu todo o pecado. (SÁENZ-BADILLOS; TARGARONA BORRÁS, 1988, p.149).

O arcebispo de Hita (1283? - 1350?) num prólogo ao seu livro *Libro de buen amor*, com *zajais*, explica que se dispõe

“a transformar *louco amor* de mulher em *bom amor*, o verdadeiro amor inspirado por Deus” (SALOMON, 1988, p. 30).

A lírica cristã do ao divino, seja ela a de conversos ou não, vai substituir o *shabat* e o povo judaico pela Igreja: a noiva passa a ser muitas vezes a religiosa (por exemplo, a carmelita, em Santa Teresa de Jesús). Outras vezes, Deus vem personificado em Cristo, mas as metáforas do *amado/amigo*, da *esposa*, da *noiva*, dos manjares divinos persistem e, com elas, o erotismo, como nas estrofes que selecionamos do poema “Ao Santíssimo Sacramento” do Padre José de Anchieta:

Ó que pão, ó que comida,
Ó que divino manjar
Se nos dá no santo altar
Cada dia!

Filho da Vigem Maria
Que Deus Padre cá mandou,
E por nós na cruz passou
Crua morte,

E para que nos conforte
Se deixou no sacramento
Para dar-nos, com aumento,
Sua graça,

Esta divina fogaça
É manjar de lutadores,
Galardão de vencedores
Esforçados,

Deleite de namorados,
Que com o gosto deste pão
Deixam a deleitação
transitória.
E mais adiante:

quem vos fez tão namorado
de quem tanto vos ofende?

Uns são todos incendiados
do fogo de vosso amor

Terminamos esta exposição sobre os vínculos estreitos entre a cosmovisão e a temática dos sefarditas na península ibérica e alguns dos maiores expoentes do *Siglo de Oro*, com trechos da lírica brasileira, aludindo a um dos tópicos, o da transitoriedade da vida terrena, aqui exemplificado com um excerto de ibn Gayyat:

Entenda todo o homem discreto e pensante
que o término de tudo é a carcoma;
de pó nós fomos feitos
e ao pó em um instante regressamos. (LACAVE: *op. cit.*, p. 29)

Tema revisitado por Cecília Meireles no poema “Cenário”, do *Romanceiro da Inconfidência*:

O mundo, vaga e inábil aparência,
Que se perde nas lápides escritas,
Sem qualquer consistência ou consequência.

Nota

¹ As traduções para o português são todas da autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAR, M. *Poesia tradicional de los judíos españoles*. México: Porrúa, 1966.
- ATTIAS, M. Sobre la poesia popular judeo-española. In: J.HASSAN (Org.) . *Actas del 1er simposio de estudios sefardíes*. Madrid: Instituto Arias Montano, 1970, p. 295-305.
- _____. *Cancionero judeo-español*. Jerusalén: Centro de Estudios sobre el Judaísmo en Salónica, 1972.
- BELTRÁN, V. *La canción tradicional de la Edad de Oro*. Edição, introdução e notas de Vicente Beltrán, Barcelona: Planeta, 1990.
- BEN-AMI, S. España y legado sefardí. *Escudo*, 70, 2ª época, p. 5-14, 1989.
- LACAVE, J.L. Texto. In: LACAVE, J.L.; ARMENZOL, M.; ONTANON, F. (Orgs.) . *Sefarad, Sefarad, la España judía*. Barcelona: Comisión 5º Centenario. Grupo de Trabajo Sefarad, 92, Lunberg, 1987.
- LAZAR, M. (Org.) . *The Sephardic tradition, Ladino and Spanish literature*. New Cork: W.W. Norton, 1972.
- MENÉNDEZ PELAYO, M. *Estudios y discursos de crítica histórica y literaria* (I). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1941.
- MILLÁS VALLICROSA, J.M. *Literatura hebraicoespañola*. Barcelona: Labora, 1968, 2ª ed.

SÁENZ-BADILLOS, A. ; TARGARONA BORRÁS, J. *Poetas hebreos de al-Andalus (siglos X-XII). Antología*. Córdoba: El Amendro, 1988.

SALOMON, H.P. “Leja Dodí”, origen hispánico y traducciones españolas. *Escudo*, 1988, p. 29-36.

SCLIAR-CABRAL, L. *Memórias de Sefarad*, Florianópolis: Athanor, 1994.